

Os novos heróis do mar

Atletas sem FRONTEIRAS

Em outubro do ano passado, uma medalha de bronze nos Campeonatos Europeus de ténis de mesa trouxe à luz uma realidade do nosso desporto: os imigrantes, e os seus filhos, marcam cada vez mais presença nas nossas seleções nacionais. Não é só Deco e Pepe... há muito mais.

De tempos a tempos, o desporto português chega aos lugares mais altos do pódio através de um nome... pouco português. Foi o que aconteceu em outubro de 2013, quando a luso-chinesa Fu Yu conquistou a medalha de bronze nos Campeonatos Europeus de ténis de mesa, que decorreram na Áustria. Fu Yu está na linha de um Francis Obikwelu, mesmo que os percursos possam ser ligeiramente diferentes, e o seu sucesso chama a atenção para uma realidade cada vez mais presente no desporto nacional: com tantos imigrantes, de diversas comunidades, em processo de integração, que peso poderão eles ter, sobretudo em modalidades amadoras de pouca implantação em Portugal?

A pouco mais de dois anos dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, a questão é bastante pertinente. Fu Yu, atualmente com 34 anos, poderá ser um dos trunfos do ténis de mesa português em 2016? Ou esta atleta, que apenas em agosto último se naturalizou portuguesa, é apenas a ponta do iceberg?

Em Londres 2012, o desporto português não teve uma presença particularmente positiva: apenas uma medalha de prata, na canoagem, para Fernando Pimenta e Emanuel Silva, dois atletas nascidos em Portugal. No entanto, como em ocasiões anteriores, alguns dos nossos representantes eram oriundos de outras paragens. Lei Mendes, outra chinesa naturalizada, foi a primeira representante feminina do

ténis de mesa português nuns Jogos Olímpicos. Na natação, Arseniy Lavrentyev, nascido na Ucrânia, representou Portugal dois anos após ter chegado ao nosso país, logo nos Jogos de Pequim em 2008, e repetiu em 2012. No judo, Yahima Ramirez, nascida em Cuba, defendeu as cores de Portugal. Nos desportos equestres, competiu Luciana Diniz, nascida no Brasil, naturalizada portuguesa após os Jogos Olímpicos de Atenas. No atletismo, Eleonor Tavares, nascida em Paris, foi apenas um exemplo dos muitos atletas que, embora oriundos de outras paragens, dão consistência à representação portuguesa. Basta lembrarmos-nos de Nélsion Évora (nascido na Costa do Marfim) ou Naide Gomes (em São Tomé e Príncipe).

CHINA NA MESA

Graças aos imigrantes, poderá Portugal passar a ter aspirações em modalidades até aqui sem sucesso algum? O país tornou-se, a partir da década de 80, um destino de imigração, passando a receber muitas pessoas de outras paragens: sobretudo africanos e brasileiros até inícios dos anos 90, e depois fluxos do leste europeu, nomeadamente da Ucrânia, a partir de 2000.

Investigando com cuidado, apercebemo-nos de uma realidade imediata: no ténis de mesa, modalidade que nos trouxe para esta reflexão, há uma linha de continuidade, com cada vez mais jovens atletas de ascendência chinesa. Em dezembro passado, Diogo Chen

já representou Portugal em diversas competições internacionais, e ocupa atualmente o segundo lugar no *ranking* masculino nacional. No *ranking* feminino, liderado por Fu Yu, é de registar o segundo lugar de Yao Li, outra atleta de ascendência chinesa. E há o já referido caso de Huang Lei Mendes, nas Olimpíadas de 2012.

As relações de Portugal com a China são, como se sabe, seculares. Historiadores modernos asseguram que a primeira presença de um chinês na Europa data de 1540, precisamente em Portugal. Porém, foi em meados do século XX que começou a formar-se a comunidade chinesa no nosso país. Na década de 70, muitos vieram de Moçambique; nos anos 80, estes imigrantes começaram a chegar em massa, a maior parte da província de Zhejiang, e outros de Macau. Entre 1985 e 1996, mais de 5000 chineses adquiriram a nacionalidade portuguesa, mas muitos destes eram residentes em Macau e aí continuaram.

O Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, relativo a 2012, da responsabilidade do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, contabilizava 17 447 imigrantes chineses em Portugal, com um pormenor interessante: foi a única comunidade cujo tamanho que aumentou, de 2011 para 2012. No entanto, caracterizando-se por alguma discreção (restaurantes e lojas são a sua forma mais direta de integração), os chineses demoraram a surgir no desporto português. Mesmo quando Paulo Futre teve aquela célebre intervenção, enquanto candidato nas

Do leste com amor. O andebolista Viktor Tchikoulaev nasceu na Ucrânia. Sete anos depois de chegar a Portugal, estreou-se com a camisola das quinas.



JOSÉ LORVÃO

eleições do Sporting, defendendo a contratação do melhor futebolista chinês e antevendo *charters* da China para verem jogar o craque, ninguém o levou realmente a sério. A China é uma potência mundial a todos os níveis, e também no desporto, mas até agora os seus imigrantes, e respetiva descendência, apenas se fizeram notar, em Portugal, no ténis de mesa.

“Normalmente, considera-se um pouco fechada a comunidade chinesa, mas o que acontece é que fechadas são as primeiras gerações... Tudo começa a mudar com os mais novos, que nascem e crescem cá, integrando uma estrutura desportiva que já existe”, comenta o sociólogo Nuno Domingos, integrante da equipa do projeto Diasbola, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que investiga e analisa as relações entre o futebol e a migração.

BRASIL NO RELVADO

A comunidade chinesa não é, contudo, uma das maiores em Portugal. Segundo o relatório referido, o Brasil lidera com grande avanço, totalizando 105 622 imigrantes, apesar de se ter registado uma queda acentuada de 2011 para 2012. Representando 25,3 por cento da comunidade estrangeira residente em Portugal, era inevitável que fossem estes os imigrantes que melhor se integrassem na estrutura do desporto nacional. A começar, desde logo, pelo futebol, a modalidade mais popular e mediática no país: vejam-se os casos de Deco

Poder imigrante

Alguns exemplos de atletas oriundos de outros países e que deixaram ou marcas na história do desporto nacional:

Francis Obikwelu (atletismo) – Nasceu em Onitsha, na Nigéria, mas veio, com 16 anos, para Portugal. Trabalhou na construção civil antes de se destacar como excecional atleta em provas de velocidade, adquirindo a nacionalidade portuguesa em 2001. Atualmente com 35 anos, contabiliza sete medalhas de ouro, três de prata e duas de bronze, em grandes competições internacionais.

Deco (futebol) – Nascido em São Bernardo do Campo, no Brasil, chegou a Portugal em 1997 e obteve a dupla nacionalidade em 2002, tornando-se num dos trunfos da seleção portuguesa, que representou em campeonatos europeus e mundiais, num total de 75 jogos.

Heshimu Evans (basquetebol) – Agora com 38 anos, este atleta nascido no Bronx (Nova Iorque), tornou-se referência da seleção portuguesa de basquetebol. Naturalizou-se em 2010.

Ubirajara Pereira (voleibol) – Natural de São Paulo, chegou com 21 anos ao nosso país, em 1991; casou e tornou-se português, destacando-se como um dos pilares da seleção nacional.

Outros casos notáveis de desportistas que entretanto se afastaram da competição são os de Liedson (futebol, nascido no Brasil), Wagner Silva (voleibol, Brasil), Élvís Évora (basquetebol, Cabo Verde), Mike Plowden (basquetebol, Estados Unidos), Steve Rocha (basquetebol, Estados Unidos) e Viktor Tchikoulaev (andebol, Ucrânia). Entre os presentemente ativos, destacam-se alguns nomes:

Pepe (futebol) – Maceió, no Brasil, viu-o nascer, mas por ali ficou pouco tempo. Veio para Portugal muito jovem, deu nas vistas e tornou-se internacional português em 2007.

Fu Yu (ténis de mesa) – Natural de Hebei, na China, está em Portugal desde 2001, quando foi contratada pelo Estreito, clube madeirense. Em Portugal, casou e criou família, tendo adquirido a nacionalidade portuguesa em agosto do ano passado. Na sua estreia com a camisola das quinas, ganhou a medalha de bronze nos uropeus. É agora a 52.ª do *ranking* mundial.

Bosko Bjelanovic (andebol) – Nascido em Knin, na antiga Jugoslávia (atual Croácia), veio para Portugal com 13 anos. Aqui se fixou, adquirindo a nacionalidade e tornando-se um dos trunfos da seleção portuguesa.

Arseniy Lavtentyev (natação) – Chelyabinsk, na Rússia, viu-o nascer para o mundo do desporto; chegou a Portugal em 2006, naturalizou-se e passou a ser um dos trunfos

JOSÉ LORVÃO



Deco foi o protagonista da naturalização mais controversa em Portugal.

da modalidade, no nosso país.

Outros casos que poderiam ser citados são os de Carolina Borges-Mendelblatt (vela, Brasil), Luciana Diniz (hipismo, Brasil), Makukula (futebol, Congo), Zoi Lima (ginástica artística, Canadá), Yahima Ramirez (judo, Cuba), Arseniy Lavrentyev (natação, Rússia) e Lei Mendes (ténis de mesa, China).

Entre as promessas de feitos futuros, também se contam vários “imigrantes”:

Tomás Podstawski (futebol) – Nasceu no Porto, filho de pai polaco e de mãe portuguesa. O pai era jogador de basquetebol, mas também se adaptou facilmente a Portugal. O médio/defesa do FC Porto, de 18 anos, já está nas seleções nacionais jovens.

Cristian Ponde (futebol) – Veio ao mundo em Maramures, na Roménia, mas chegou muito novo a Portugal, dando nas vistas ainda como infantil. Aos 18 anos, joga no Sporting e nas seleções nacionais jovens. **Diogo Chen** (ténis de mesa) – Já nascido em Portugal, mas filho de Chen Shi-Chao, um extraordinário jogador chinês que chegou ao nosso país em 1989, para treinador-jogador do Sporting. Diogo revela os genes de mesatenista excecional e promete grandes desempenhos pela seleção nacional.



JOSE LORVAO

Plowden, o herói

Entre vários exemplos de dedicação a um novo país, permitam-me destacar aqui a história do basquetebolista Mike Plowden, que, nascido nos Estados Unidos, adotou Portugal como país do coração: aqui se tornou uma das maiores figuras da modalidade, e aqui morreu, dramaticamente, em 2008, aos 49 anos. Plowden veio do basquetebol universitário norte-americano com apenas 21 anos, para jogar no Barreirense. Transferiu-se para o Benfica, onde confirmou grande talento e ganhou muitos títulos. Aos 29 anos, naturalizou-se português. Totalizou 61 internacionalizações e jogou ainda no Atlético e no Juventude de Évora, antes de se dedicar ao papel de treinador, primeiro nas camadas jovens. Seria como treinador, no Quintajense, que perderia a vida no próprio campo, durante um treino, após ter finto a morte, por várias vezes, nos anos anteriores, primeiro devido a uma virose, depois com uma bactéria, ambas nunca completamente identificadas. Dele ficou uma imagem de perseverança, exemplo para os mais jovens basquetebolistas portugueses.



Normalidade. Para o sociólogo Nuno Domingos, é de esperar que, gradualmente, desapareça a polémica à volta das naturalizações, no futebol e noutros desportos.

► As poças de maré, nas rochas, são bom local para ver cnidários

e Pepe, com percursos ricos e muito significativos pela seleção das quinças, aos quais se pode ainda juntar Liedson, com passagem mais fugaz. Atualmente, discute-se a possível integração de Fernando, outro brasileiro que, tendo chegado jovem a Portugal, adquiriu a nacionalidade e está em condições de integrar a seleção. A influência brasileira no futebol não fica por aqui, e já se estende a jovens atletas, filhos de imigrantes brasileiros, que nasceram e cresceram em Portugal, perfeitamente integrados na estrutura.

Segundo Nuno Domingos, é de esperar que, gradualmente, desapareça a polémica à volta das naturalizações no futebol: “O que me parece fundamental é a questão dos direitos: se os atletas são naturalizados, têm um estatuto legal, são elegíveis... Não é justo o facto de não se ter nascido aqui.” O sociólogo aponta o exemplo da Alemanha, cuja seleção de futebol tem atualmente diversos elementos que não nasceram em território alemão.

Sendo o Brasil uma potência desportiva mundial, é de esperar que a sua presença no desporto português vá para lá do futebol. É o caso de Leitão, no futsal, de Carlos Luz, no judo, e de Ubirajara Pereira e Frederico, no voleibol. O que se passa com os atletas oriundos do Brasil é idêntico ao que se passa com os outros imigrantes das ex-colónias portuguesas. Há uma assimilação já antiga, com uma influên-

cia estabelecida, e que portanto não deverá implicar grandes diferenças, a médio prazo, no desporto português.

LESTE NO ANDEBOL

Mais recente, e por isso eventualmente capaz de alterar alguma coisa, é a imigração oriunda dos países do leste europeu, nomeadamente da Ucrânia (44 074 cidadãos registados), da Roménia (35 216), da Moldávia (11 503), da Bulgária (7439) e da Rússia (4581). Sabe-se que estes são países com uma enorme cultura desportiva, fomentada por questões políticas e ideológicas, durante a formação do chamado “bloco de leste”, liderado pela antiga União Soviética. Essa opção por uma estrutura desportiva forte, capaz de se afirmar internacionalmente nas diversas modalidades, criou condições quase únicas, e pequenas nações tornaram-se grandes potências desportivas.

A abertura das fronteiras da União Europeia, em 1999, por parte da Alemanha, permitiu um imediato fluxo migratório oriundo destes países, e muitos destes imigrantes deslocaram-se para o sul, onde havia mais necessidade de mão de obra para a construção civil e a agricultura. Foi assim que Portugal se tornou um país de imigração, invertendo a tendência histórica.

Num estudo publicado em 2011, intitulado *Imigração Ucraniana em Portugal e no Sul*

Fenómeno global

O aparecimento de cada vez mais imigrantes nas seleções nacionais não é um exclusivo de Portugal. Na verdade, o fenómeno é global e é uma evidente consequência da chamada “globalização”, que, tendo efeitos económicos e sociais, tem também efeitos desportivos. Embora as naturalizações estejam defendidas por lei, não deixam de criar polémica. Um dos primeiros alarmes aconteceu nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, ao verificarem-se situações inimagináveis: por exemplo, a equipa de ténis de mesa do Canadá tinha quatro jogadores nascidos na China e um no Sri Lanka! Na mesma altura, verificou-se que o Quênia já tinha “perdido” mais de 40 atletas para outros países, que as seleções de basquetebol, masculina e feminina, da Rússia, tinham bases nascidos nos Estados Unidos, etc. Em Londres 2012, novos episódios: a começar pelos chamados “britânicos de plástico”, atletas não nascidos no Reino Unido e que iriam representar a equipa britânica de atletismo, sendo preocupação do



O mesatenista Wilson Zhang foi um dos representantes canadianos nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Tal como ele, três outros membros da equipa nasceram na China.

treinador que eles soubessem cantar o hino, até às duas duplas da Geórgia no futebol de praia, constituídas por brasileiros naturalizados. Provavelmente, situações idênticas acontecerão nos próximos Jogos Olímpicos, e até, já este ano, no Campeonato Mundial de Futebol. Além dos muitos casos de Alemanha e França (cheias de jogadores nascidos fora), eis alguns dos brasileiros que estarão na sua terra em

representação de outras seleções, já em junho: por Portugal, Pepe e Fernando (?), pelos Países Baixos, Douglas, por Itália, Thiago Motta, pela Croácia, Eduardo da Silva, pelo Chile, Marcos Gonzalez e Valdivia, pelo México, Zinho. Falta saber como se resolverá o caso de Diego Costa, craque brasileiro cuja naturalização por Espanha está em equação.

da Europa – *A Emergência de Uma ou Várias comunidades?*, da responsabilidade do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (ACIDI), concluiu-se que os imigrantes ucranianos, embora discretos, estavam bem integrados e dispersos por todo o território nacional.

Esta integração, confirmada nos anos seguintes, terá, naturais efeitos também ao nível da atividade desportiva. Um dos casos mais evidentes é o do andebolista Viktor Tchikoulaev, nascido na Ucrânia e chegado a Portugal em 1990. Sete anos depois, estreou-se com a camisola da seleção nacional, envergando-a depois em sucessivos campeonatos europeus e mundiais. Outro andebolista, Vladimir Bolotskih, nascido na Rússia e chegado a Portugal em 1991, esteve igualmente ligado

à evolução da seleção portuguesa, após a sua naturalização em 1996.

“A participação de pessoas com outras experiências é sempre positiva, sobretudo se vêm de um desporto mais avançado, com outro tipo de competências”, admite Nuno Domingos. O sociólogo tem, contudo, dúvidas sobre as mudanças que as gerações futuras poderão trazer, assegurando que tal não depende apenas do facto de serem filhos de estrangeiros: “Pensar que eles podem mudar radicalmente o nosso desporto... é limitado. O desporto português depende de estruturas, de condições... Melhorou um pouco nos últimos anos, mas continua a haver problemas graves. Ainda temos um nível de prática desportiva bastante baixo, continuamos a ser mais espetadores do que praticantes.”

Lúcio e Julius, os pioneiros

Ainda hoje a naturalização de um jogador, nomeadamente de futebol, suscita enorme polémica no nosso país. Mas a verdade é que estes processos vêm de longe, sobretudo no que respeita à assimilação de atletas oriundos das ex-colónias, nomeadamente de África e do Brasil. Aliás, muitos dos nascidos em África (como Peyroteo, por exemplo) no tempo do colonialismo, já “nasceram” portugueses. Diferente era o caso dos oriundos de outros países, mas tudo começou na década

de 60, com os futebolistas Lúcio Soares (brasileiro) e David Julius (sul-africano). Julius, nascido em Joanesburgo, chegou ao nosso país, para o Sporting, em 1957; naturalizou-se português e estreou-se pela seleção nacional a 27 de abril de 1960, na Alemanha (1-2). No mesmo dia, estreou-se também pela equipa das quinças o brasileiro naturalizado português Lúcio, igualmente jogador do Sporting: nascido em Manhuaçu, Minas Gerais, chegara a Portugal em 1959.

ESCOLHAS DE INTEGRAÇÃO

Seja como for, o certo é que a própria estrutura desportiva em Portugal se vê obrigada a um esforço suplementar no sentido de integrar estes novos praticantes. Não é que sejam muitas as iniciativas, mas tornam-se inevitáveis. É de registar, neste âmbito, a atuação do Programa Escolhas, sob a égide do ACIDI, que embora não se destinando exclusivamente a comunidades de imigrantes, mas sim a jovens e crianças em contextos socioeconómicos mais vulneráveis, acaba também por estender a sua ação aos imigrantes e respetivas famílias, integrando alguns dos jovens na prática desportiva, nomeadamente no futebol (Liga Escolhas), no rãguebi e no judo (o protocolo assinado com o Sporting vigorará até 2015).

De uma coisa não restam dúvidas: o desporto é um dos melhores meios de integração social que se conhecem. Num meio em que rareiam os estudos e as investigações acerca deste tema, merece uma nota a tese de doutoramento apresentada, em 2013, por uma investigadora da Universidade do Porto, Marília Moraes, intitulada *Prática Desportiva, Bem-Estar Subjetivo e Integração Social de Jovens Imigrantes em Portugal*. A sua investigação incide mais sobre a área do futebol, mas as conclusões são expressivas: “O envolvimento no futebol proporcionou-lhes a construção e manutenção de relações pessoais positivas, pertença ao grupo e utilização de uma ‘linguagem comum’, sugestivas de uma melhor integração social e bem-estar subjetivo.”

P.V.

